



# UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

**Instituto de Cultura e Arte**  
**Comunicação Social - Jornalismo**

## **Mulheróloga**

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

Resenhado por Maria Izabel Tinin Figueiredo

Em 2005, ano que se comemora os “trinta anos ininterruptos do feminismo”, Ana Rita Fonteles Duarte, formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará, e mestre em História Social pela mesma instituição; é Doutora em História da Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina; e atualmente professora do departamento de História da UFC, pública a sua dissertação de mestrado, defendida em 2002, e nos presenteia com esta obra sobre umas das mais importantes feministas do jornalismo brasileiro.

Carmen da Silva, natural do Rio Grande do Sul, mulher forte que fugia desde cedo dos padrões impostos às mulheres, conquistou um vasto público com a sua escrita com viés mais psicanalista que respeitava a subjetividade de cada leitora da sua coluna *A Arte de Ser Mulher*, na revista *Claudia*, uma das primeiras e mais importantes revistas femininas do país.

Mesmo não sendo uma revista feminista, *Claudia* abriu espaço para Carmen debater sobre temas ainda pouco abordados, ou abordados em um tom mais conservador, como a liberdade sexual feminina, o trabalho fora de casa e o divórcio, por exemplo, numa tentativa da revista-amiga se ater às mudanças que estavam acontecendo na sociedade da época.

Em seu livro, Ana Rita aborda pontos importantes da vida pessoal e profissional de Carmen, trazendo entrevistas exclusivas com amigas e feministas próximas à articulista e também

representantes do Grupo Abril. A sua pesquisa minuciosa rendeu um livro claro, dividido em três capítulos, de leitura fácil para todos que desejam entender os caminhos do feminismo no Brasil e o papel da imprensa nessa jornada, bem como sobre a vida dessa figura marcante da nossa história. As diversas notas de rodapé e citações ajudam facilitar a compreensão e entender a visão da jornalista.

No capítulo inicial, “*Revista com nome de mulher: O feminino no Brasil dos anos 1960-1970*”, Ana Rita discorre, logo nas primeiras páginas, sobre o surgimento da revista *Claudia* que, ao lado do Novo Estatuto da Mulher Casada, era apontado como um símbolo da modernização do papel da mulher na sociedade brasileira. Se sobressaindo com relação às fotonovelas publicadas pela mesma editora, a Revista trazia um tom mais jornalístico nas suas matérias produzidas para a classe média feminina brasileira.

Os processos de urbanização e industrialização e de expansão do capitalismo brasileiro, que impulsionaram a geração de empregos, e, conseqüentemente, o poder de compra ajudou a definir um público alvo para a Revista, bem como atrair anunciantes interessados em atrair essa camada que ascendia economicamente. Dentro de pouco tempo, *Claudia* se tornou a segunda maior fonte de renda publicitária do Grupo Abril.

Influenciada pelo *american way of life*, *Cláudia*, muitas vezes, chegou a comprar diversas matérias dos Estados Unidos ou até mesmo fazer ensaios fotográficos fora do país. Ana Rita conta ainda que a Revista chegou a montar uma cozinha na redação para testar as receitas que preenchiam as suas páginas. Culinária e moda eram os dois focos principais da revista que tinha um tom mais urbano, voltado para o seu público dos dois grandes centros urbanos: Rio de Janeiro e São Paulo.

Para não ir de encontro com a moral e os bons costumes, afinal, *Claudia* que seguia, até então, um tom mais conservador, não via com bons olhos questões como a liberdade sexual feminina, chegando a distorcer dados de pesquisas realizadas pela própria, para assim reforçar ideias mais tradicionais. Apenas relações monogâmicas e heteronormativas eram apoiadas. O uso de pílulas anticoncepcionais por mulheres solteiras era um ato abominado.

O homem era uma figura de destaque na Revista. Muitas matérias ensinavam às mulheres a “salvarem” seus casamentos; a como estar sempre bela e atraente para o marido; ou até mesmo como não irritá-lo com problemas domésticos, fazendo do lar o lugar perfeito para o descanso do patriarca.

Aos poucos, a revista-amiga, como cita Ana Rita, foi tentando ganhar um ar mais liberal incentivando o trabalho feminino fora de casa e publicando as cartas de suas leitoras sobre sexo, mas, ao mesmo tempo, reforçava o modelo tradicional de família e continuava incentivando a venda eletrodomésticos da mulher moderna na tentativa de não perder os patrocinadores. Com o suporte de

várias citações da coluna *A Arte de Ser Mulher*, a autora mostra o papel decisivo de Carmen nessa fase transitória do veículo.

Também havia muita preocupação por parte da revista-amiga de não passar a imagem de feminista, apenas de feminina, pois isso desagradaria a parcela mais conservadora do seu público e também os patrocinadores. Sempre que se ia citar uma feminista, se enfatizava os seus atributos físicos para não passar a imagem de que toda feminista é “feia” e “desarrumada”. Entretanto, o reforço desse estereótipo é muito comum na mídia à época, até mesmo entre veículos de imprensa alternativa, como uma forma de desqualificar o movimento.

Ao chamar a atenção para as características físicas das líderes feministas, os meios de comunicação estavam tentando fazer então que as mulheres não se identificassem com elas. Se essas mesmas líderes fossem consideradas “bonitas”, poderiam ser encaradas pelas leitoras como possíveis rivais ou pessoas de pouca seriedade. Já se fossem consideradas “feias”, repeliram a identificação, uma vez que o ideal para mulher, nas revistas femininas nesse período, era alcançar a beleza. (WOLF apud DUARTE, 1992).

Mesmo com posição contrária ao movimento, a revista nunca se opôs às publicações de Carmen, que chegou até a Revista após enviar uma carta endereçada à chefia da magazine, em 1963, indicando o seu desejo de escrever sobre a condição da mulher brasileira e sobre as mudanças que estavam por vir e que todas deveriam se preparar.

Por mais que se tratasse de uma revista feminina, não era comum a presença de mulheres na sua redação, bem como a maioria de jornais e revistas da época. A Revista já vinha procurando um nome feminino de peso para falar com as mulheres de forma diferente da que se vinha trabalhando. Alguém que pudesse dar conta de tratar com propriedade das mudanças de comportamento na organização social brasileira da década de 1960.

A escrita fortemente baseada no instrumental da psicanálise era o diferencial de Carmen que buscava sempre fazer uma crítica mais aprofundada e personalizada para cada situação ou carta de leitora que recebia.

Por esse motivo, Carmen chegou a receber de 400 a 500 cartas por mês. Uma das cláusulas do seu contrato era responder pessoalmente a todas as cartas que recebesse, seja individualmente ou nas páginas da revista. *A Arte de ser Mulher* seção ocupada por Carmen na revista mesmo ela não gostando do título, e tentado negociar com a direção uma mudança, o título permaneceu durante toda a sua passagem pela Revista. Devido ao grande volume de correspondências que recebia, ganhou seu

próprio espaço no *Claudia responde*, o *Carmen responde*. A jornalista recebia carta dos mais diversos temas, desde questionamentos amorosos, conselhos, até críticas pesadas, que Carmem fazia questão de responder todos.

Carmem recebeu muitas críticas de feministas mais ativas, como mostra Ana Rita em uma entrevista com a escritora feminista Rose Marie Murato que dizia não ter “paciência” para os textos de Carmem, que considerava o seu feminismo morno e elitista.

A articulista sabia que seu trabalho era direcionado às classes mais abastadas, pois esse era o principal público da revista, e que por isso não dava para ser radical, precisava introduzir aos poucos aqueles conceitos e posicionamentos na vida da leitora, pois acreditava em uma mudança a médio e longo prazo. Embora não concordando com a jornalista, as feministas mais engajadas sabiam a importância de Carmem no futuro do movimento.

Ana Rita apurou em entrevista com o diretor da revista na época, que Carmem nunca foi alvo da censura militar. Talvez por puro sexismo por parte dos militares que não davam importância para esses “assuntos de mulher” e preferiam se preocupar com revistas que tratavam de assuntos mais “sérios”, como política. No entanto, em uma outra entrevista com a feminista e amiga de Carmem, e que a substituiu após a sua morte, Raquel Gutierrez, que revela que assim como ela, Carmem sofreu autocensura por parte da revista que sempre tentava maquiagem as ideias da autora, algo que a desagradava muito.

O capítulo 2, *Entre história e memória, os caminhos de uma feminista*, Duarte traz uma pequena biografia, contando a história da sua protagonista que por vezes embarcou na aventura de ser escritora-personagem contando as suas aventuras pessoais no seu livro *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito*. Livro que serviu de referência para Ana Rita, juntamente com o depoimento de feministas que conviveram com Carmem.



Em sua autobiografia, Carmem, inspirada em outras grandes feministas como Simone de Beauvoir, mescla a sua história à história política e social do país, a fim de mostrar a influência que o contexto a qual se está inserido tem sobre a formação de cada indivíduo.

Nascida em Rio Grande, RS, Carmem fugia do modelo de mulher a ser seguido na sua época. Ana Rita traz vários trechos em que a personagem descreve, e critica, a vida social de sua época, principalmente da juventude.

A professora destaca pontos importantes sobre o período em que Carmen morou na Argentina e no Uruguai, onde publicou diversas vezes e fez contato com outros importantes jornalistas e escritores.

Foi nesse período também que Carmen tomou maior consciência feminista e da sua importância como jornalista e escritora, e decidiu voltar para o Brasil para escrever para mulher brasileira sobre um tema transversal em seu livro: as questões de gênero.

Ao retornar ao Brasil em 1962, Carmen escolheu o Rio de Janeiro como sua nova casa devido a sua localização geográfica estratégica, por ser um importante centro intelectual e cultural do país. Duarte conta que o período de seu retorno coincidiu com um período de grande efervescência e mudanças no país, principalmente com relação às mulheres que já apresentavam uma maior escolaridade e uma parcela importante da população economicamente ativa. A sua maturidade, a sua grande experiência dos anos fora do país, seus conhecimentos de psicanálise e também as diversas fontes em que bebeu, lhe inspiraram e permitiram escrever com maior clareza para população feminina (de classe média) que via nela uma espécie de guru, uma “mulheróloga”, como ficou conhecida.

*“Em resumo, faço o trabalho da Formiga - mas a formiga, enquanto arrasta o peso da folha não tem visão geral da árvore, da floresta. E eu tenho esse é meu orgulho e meu drama.” Carmen da Silva (1969).*

É com essa frase da articulista que Ana Rita inicia o capítulo final: *Percorrendo trilhas*. Neste capítulo, Duarte reúne os trabalhos de Carmen publicados na revista-amiga, na seção *A Arte de Ser Mulher*, bem como a sua autobiografia para apresentar as quatro fases do trabalho da jornalista, que nunca gostou de uma “fórmula pronta”, e sempre tentou dar conselhos mais subjetivos, sempre levando em consideração as particularidades de cada leitora. O seu trabalho não era linear; vez ou outra ela voltava a “remoer” o mesmo assunto a fim de que se alcançasse a compreensão por parte dos leitores.

Na primeira fase, logo no início da sua jornada no veículo, Carmen tentou introduzir, aos poucos, alguns questionamentos acerca do feminismo e do novo papel que a mulher vinha ocupando na sociedade. Chamada de “fase do despertador” ou “fase de Lázaro”, pela própria escritora, esse ciclo ficou marcado pelo incentivo às mulheres a tomarem ciência de si, passando a se enxergar como indivíduo parte do processo tanto quanto o homem; tirando o seu foco, ao menos um pouco, dos cuidados domésticos e da família. Era hora de ocupar postos de trabalho também!

Por seu público ser de classe média, muitas mulheres não viam tanta necessidade de trabalhar, apontando os afazeres de esposa como um empecilho, julgando ser difícil conciliar ambos. Algo que era fortemente criticado por Carmen.

*“É curioso que precisamente nas classes pobres as famílias costumem ser muito mais numerosas que em grupos economicamente mais favorecidos. As famílias operárias em geral tem seis, oito, dez filhos. Mas essas mães trabalham. Trabalham porque não têm mais remédio, não podem se dar ao luxo de esgrimir escusas. Convém que as “rainhas tristes” reexaminem seus pretextos com o intuito de ver se eles não se destinam apenas a convalidar privilégios.” (SILVA apud DUARTE, 1965).*

Após incentivar as mulheres a tomar consciência de si, é chegada a hora da “descoisificação” e “desalienação”, Carmen passa a debater sobre a solidão da mulher casada, a infidelidade, o adultério e o divórcio. Na segunda fase, ela trabalha a relação entre mãe e filhos; a dificuldade de relação com os filhos adolescentes; e a ausência do pai na educação dos filhos, ficando apenas a mãe a encargo de tudo. No momento da terceira fase, por volta dos anos 1970, Carmen está mais engajada na luta feminista e começa a abordar questões voltadas à liberdade sexual. A fase final é marcada pela autocritica ao movimento, à relação entre os gêneros e o pouco espaço alcançado até então.

Por fim, a escrita cristalina de Ana Rita faz com que a leitura seja rápida, bem como a sua compreensão. Sem dúvida, um obra de grande contribuição produzida pela prata da casa. Ao escolher uma figura importante, porém pouco reconhecida e de história interessante, Ana Rita nos faz lembrar o quanto as mulheres são esquecidas, mas não menos importantes no processo histórico de formação das sociedades. Por se tratar de uma produção clara e sem muitos termos técnicos, a obra mesmo se tratando de um trabalho acadêmico, se mostra com bastante capacidade para atravessar as fronteiras da universidade e chegar ao grande público, para que este, por sua vez, possa compreender a importância da produção acadêmico-cientista para o esclarecimento de assuntos ainda desconhecidos por nós.